



A ESCRITA DE DEUS

“Imploro-te, o mais que posso, para que sejas paciente com tudo o que está por resolver no teu coração e que tentes amar as perguntas por si próprias como quartos fechados e como livros escritos numa língua estranha. Não procures as respostas que não poderiam ter sido dadas, pois não serias capaz de as viver. E a questão é viver tudo. Vive as perguntas agora. Talvez então, gradualmente, sem que o notes, vivas até esse dia distante da resposta.”

Rainer Maria Rilke

Uma simples tarefa pode despoletar vivências impossíveis de transcrever. Hoje estava a lavar a loiça e a preparar-me para fazer um almoço, para a Pilar e para mim, e enquanto esses momentos decorriam não conseguia libertar o meu espírito de imagens que estavam constantemente a afluir meu cérebro. Eram movimentos e momentos associados ao laido. O que é que uma coisa poderia ter a ver com a outra?

Na prática que tenho dessa arte do sabre houve uma coisa que para mim tornou-se evidente. Depois de aprender os 12 katas que fazem parte do setei iai, centrei-me no primeiro, e teoricamente o mais simples, e acabei ao fim de vários meses de repetições e observação de descobrir uma imensidade de detalhes, desenvolver a consciência que era preferível fazer um kata bem do que aparentemente saber executar todos os katas, que afinal até aquele momento limitava-me a repetir formas, mesmo que explicadas e teoricamente entendidas, porque na realidade ainda não tinha sentido. Aquele detalhe, o outro ... enfim passei a então a sentir a prática de uma forma diferente. Uma dimensão diferente de prática abre-se e sentimos o porquê da frase “No tatamis praticas o que vives fora dele”.

Quando estava na minha tarefa diária era sensação de cada movimento que executava que me despertava para essas vivências. Acabei por ter o meu espírito a vaguear por momentos tão semelhantes que tenho vivido na prática do Ikebana/Kado. Acabou por surgir uma sensação impossível de descrever mas que poderia tentar descrever como uma “Serenidade para além da serenidade” e um vislumbre remoto do que talvez seja aquilo que procuro.

Há uma história muito bela do grande escritor argentino Jorge Luis Borges que vem no livro - o Aleph. A história chama-se “A escrita de Deus”. Nesse conto existe um sacerdote asteca que está preso numa das masmorras dos conquistadores espanhóis, e enquanto o tempo vai



passando vai-se recordando de uma história que lhe tinham contando ainda criança que dizia Deus ter escrito o seu nome num local diante dos olhos de todos, para afirmar uma aliança com eles, mas que por ser tão óbvio e claro os homens acabaram por esquecer. Ainda hoje tentam por todos os meios e em todos os locais voltar a descobrir esse segredo.

Ao longo de todos os dias, semanas e meses o sacerdote vai tentando recordar o mundo exterior e assim tentar vislumbrar onde poderá estar aquele segredo, como forma de aliviar o seu sofrimento. Numa cela ao lado e todos os dias por breves instantes, quando lhe levavam a mísera refeição ele olhava para a jaula ao lado, observando o jaguar que partilhava com ele o cativo recordando-se que o jaguar é um animal sagrado, tentando memorizar as formas das pintas do jaguar. Um dia apercebe-se que o nome do seu Deus, que odeia os invasores, está escrito nelas. A partir desse momento o poder divino está ao seu dispor, as paredes do cárcere poderão desaparecer por sua vontade e aqueles que são os seus carcereiros e torturadores poderão ser aniquilados mas percebeu também que a verdadeira liberdade não têm a ver com a existência ou não de cárcere e que o verdadeiro poder não tem a ver com a dominação de outros. Assim deita-se e adormece consciente que a verdade, e o poder, são aquilo que nos permite encontrar dentro de nós o vislumbre da essência da existência.